



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A MILITÂNCIA FEMININA E O SEU SILENCIAMENTO: LAURA BRANDÃO E O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (1922-1942)

Daniella Ataíde Lôbo
(UESB)

Maria Aparecida Silva de Souza
(UESB)

RESUMO

Como parcela majoritária da mão de obra industrial, a figura feminina na Primeira República ajudou a alargar as fileiras da emergente classe operária brasileira e contribuíram significativamente nas lutas travadas pelo movimento operário. No entanto, parte da historiografia dita "oficial" do Partido Comunista Brasileiro insiste em tornar essa participação irrelevante. O presente artigo que por ora apresentamos propõe investigar acerca do silêncio a que foram destinadas as mulheres militantes pelas páginas da historiografia do PCB produzida por seus militantes. Para tal, analisaremos a trajetória de Laura Brandão, combatente que atuou ativamente no movimento operário e se dedicou a inúmeras questões do PCB, desde a fundação em 1922, até sua morte no exílio em 1942, período que a pesquisa, ainda em andamento, pretende abarcar e que aqui apresentamos os resultados iniciais.

PALAVRAS-CHAVE: Laura Brandão, Partido Comunista Brasileiro, Silenciamento.

INTRODUÇÃO

Sendo parcela majoritária da mão de obra industrial, a figura feminina na Primeira República ajudou a alargar as fileiras da emergente classe operária brasileira, juntamente com um grande contingente de trabalhadores imigrantes.

· Graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e aluna do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: al.daniella@gmail.com.

· Orientadora. Professora Doutora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Email: mariacida3@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Vindos principalmente da Europa e da Ásia, estes trabalhadores trouxeram consigo suas experiências e ideais políticos adquiridos em seus países de origem, norteados principalmente pelos ideais anarquistas, que somaram-se a parca experiência dos trabalhadores brasileiros e assim forjaram as formas de organização, ideologia e consciência de classe do ascendente movimento operário brasileiro.

Na emergência de uma agremiação de caráter partidário da classe operária, surgiu em 1922 o Partido Comunista Brasileiro, cujo intuito primordial, como vanguarda proletária, era frear o acelerado descenso do movimento operário e reorganizar a base proletária, aglutinando todo este contingente notadamente insatisfeito. Conseqüentemente, com participação significativa na composição do movimento operário, as mulheres também se aglutinaram no interior dos partidos políticos, mesmo que parte da historiografia não tenha atestado. A história do PCB, escrita pelos militantes que o integravam, fora organizada de forma a ignorar o papel da militância feminina junto ao mesmo, o que faz pertinente nossas indagações sobre os motivos deste silenciamento.

No conjunto desses sujeitos “invisíveis”, estava Laura Brandão. Sempre a transitar por um mundo essencialmente masculino, primeiro como escritora e poetisa e, posteriormente, como militante comunista, Laura da Fonseca e Silva nasceu em 1891, em Alagoas, migrando posteriormente para o Rio de Janeiro. A fixação de morada no Rio de Janeiro, após o divórcio dos seus pais, Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva e Jacinta Cavalcanti, foi de grande importância para a construção da personagem como poetisa e declamadora, pois passou a frequentar os mais importantes salões literários e a conviver com grandes escritores e artistas, ganhando notoriedade entre eles⁶⁹.

⁶⁹ Ver BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: A invisibilidade Feminina na política*. Dissertação de mestrado. Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 1995.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Já em seus primeiros escritos, Laura Brandão sutilmente esboçava sua visão política e seu desconforto com a tradição de dependência da mulher e o puritanismo imposto às mulheres ditas “de família”, mesmo causando certo estranhamento a sociedade da época. Aos poucos a literata foi se afastando dos salões literários e assumindo uma posição de ativista e militante.

Em 1921, Laura Brandão casou-se com Octávio Brandão, um dos líderes e fundadores do Partido Comunista Brasileiro, com quem teve quatro filhas. Após o casamento a já militante se aproximou ainda mais do comunismo, deixando para trás os salões literários para ser vista nas ruas, em greves operárias e reuniões sindicais, assim como na redação de jornais e revistas ligadas ao PCB. Um dos episódios de maior destaque da sua atuação em público, foi um comício que ocorreu na Praça de Mauá, em apoio greve dos gráficos de São Paulo, no Rio de Janeiro, em Maio de 1929, no qual fez um pronunciamento vigoroso em defesa dos trabalhadores e contra a truculência da polícia (BERNARDES, 2007, p. 116).

Além disso, participou da fundação do jornal *A Classe Operária*, um dos principais periódicos vinculados ao PCB, lançado em Maio de 1925, e também esteve envolvida na criação de algumas associações que visavam dar maior atenção às mulheres e organiza-las em torno da política do partido, como por exemplo, o Comitê de Mulheres Trabalhadoras, onde foi responsável por sua fundação juntamente com Octávio Brandão, Minervino de Oliveira e Joaquim Nepomuceno. Integravam ainda ao Comitê, com direito a voz e voto, as mulheres destes militantes e a operária Rosa Bittencourt, que segundo registros e o próprio Astrojildo Pereira, um dos fundadores e militantes mais influentes do partido, foi a primeira mulher brasileira a ingressar no Partido Comunista Brasileiro.

Nota-se então, que boa parte das mulheres estiveram vinculadas ao PCB, junto aos seus maridos que desempenhavam papel de destaque na estrutura do partido, salvo o caso de Rosa Bittencourt que nunca foi casada. Como hipótese para o esquecimento à qual a militância feminina foi lançado, sugerimos que sua



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

participação tenha sido fora da estrutura partidária de direção, desempenhando funções de apoio e auxílio, sem nunca ocupar cargos de maior destaque.

Os motivos do silenciamento quanto à contribuição de Laura Brandão ao Partido Comunista Brasileiro, nos dá margem a levantar alguns questionamentos. Fontes atestam o veemente compromisso da militante e de outras figuras femininas com a causa operária e os trabalhos junto ao PCB. Cartas de Laura Brandão aos integrantes do partido, familiares e a militantes de renome e figuras públicas fora deste⁷⁰, não nos deixa dúvidas quanto a sua contribuição. O que nos faz indagar por quais motivos Laura Brandão, e tantas outras mulheres, foram omitidas pela historiografia do partido escrita por seus militantes, qual o papel destes no esquecimento da trajetória das mulheres que tanto se dedicaram à causa comunista.

Componente evidente desse processo de silenciamento é uma carta, escrita em 1947, por Astrojildo Pereira vetando a publicação de uma biografia sobre Laura Brandão, redigida por seu marido Octávio Brandão⁷¹. Nesta carta Astrojildo Pereira deixa subtendido que a personagem não possuía grande destaque na literatura nacional e que o público não a reconhecia como uma grande escritora, sugerindo não publicá-lo e livrar o autor e o PCB das duras críticas que poderiam lhes ser dirigidas (BERNARDES, 2007). O que chama a atenção é a incisiva recusa do militante quanto à publicação de tal. Este destacado comunista que participou da fundação do Partido e de momentos importantes da história do PCB produziu farta documentação, e seus escritos, de certo modo, compõe a historiografia “oficial” do partido cuja participação de Laura Brandão e outras militantes não é registrada⁷².

⁷⁰ Toda a documentação referida encontra-se hoje armazenada no Arquivo Edgar Leuenrouth – UNICAMP, no Fundo Octávio Brandão, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional – RJ, na Biblioteca Nacional – RJ, e na Biblioteca Municipal Mario de Andrade – São Paulo.

⁷¹ O manuscrito do livro que tem como título “A imagem de Laura Brandão”, escrito por Octávio Brandão, em 1947, encontra-se no Fundo Octávio Brandão, no Arquivo Edgard Leuenroth pasta nº120.

⁷² O material documental de que se constitui a pesquisa se tratam de fontes de natureza distintas que, no entanto, receberão rigoroso tratamento analítico. São elas: documentos pessoais (fotos, bilhetes, cartas, manuscritos) conforme já foi referido; a historiografia dita “oficial”, entendendo esta como a produzida



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Parte significativa da historiografia brasileira debruçou-se sobre a história do Partido Comunista Brasileiro, porém, se tratando da participação das mulheres junto a ele, pouco foi estudado. Esta pesquisa, ainda em caráter embrionário, tem como intuito contribuir para o avanço em tais estudos, ampliando os questionamentos acerca da invisibilidade a que foi sujeita a mulher no interior do PCB. Na tentativa de atender algumas das muitas inquietações e realizar progressos significativos nos estudos sobre o tema, buscaremos dar voz a essas personagens esquecidas pela historiografia “oficial”, através da reconstrução da trajetória política traçada por Laura Brandão.

Os poucos estudos realizados que se ocupam em discutir a inserção da mulher no Partido Comunista Brasileiro voltam suas análises ao período em que este se encontrava na legalidade, entre os anos de 1945 e 1947, quando, motivados pela urgência em alargar suas fileiras e se consolidar como partido de massa há uma preocupação maior tanto em inserir nas discussões as questões referentes às mulheres, quanto à criação de órgãos no interior do partido voltados as suas necessidades (ALVES, 2013; TAVARES, 2011). Diminutos são os estudos sobre Laura Brandão, a produção acerca de sua trajetória se resume a uma publicação rigorosa e um conjunto de trabalhos sumários e sintéticos que não tomam como perspectiva a personagem em si, se até mais precisamente a participação das mulheres no movimento operário de forma mais ampla (SCHIMIDT, 2008; SILVA, 1996; RAGO, 2006).

Dentre as produções na qual a trajetória da personagem, por ora em apreço, ganha maior evidência, destaca-se a pesquisa realizada por Maria Elena Bernardes no programa de Pós Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), cujos resultados foram apresentados como dissertação em 1995, sob o título de “Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política” e posteriormente em livro homônimo, em

pelos militantes vinculados ao PCB; e as produções biográficas acerca da militante. Esse material está mais pormenorizadamente discriminado no tópico pertinente.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

2007. Nestes trabalhos a historiadora recupera aspectos da vida da militante, através de uma análise rigorosa de sua documentação pessoal, cartas, bilhetes, depoimentos de suas filhas e fotografias, fazendo emergir não apenas sua militância política, como também seus trabalhos como escritora, poetiza, e declamadora. Em virtude da escassez e fragilidades das produções que tratam especificamente da trajetória de Laura Brandão, o trabalho de Bernardes se constitui como referência maior (BERNARDES,2007).

A memória como concebemos aqui, não se trata de um objeto estático, externo as relações sociais, estritamente individual e passivo. Tratar do silenciamento é também tratar da memória, a entendendo como um fenômeno dinâmico e interativo, que está inserido e é resultado de complexas relações sociais, considerando que lembrar e esquecer implicam em movimentos de um mesmo processo. Para a pesquisadora argentina Elizabeth Jelin:

[...] toda política de conservación y de memoria, alseleccionarhuellas para preservar, conservar o conmemorar, tiene implícita una voluntad de olvido. Esto incluye, por supuesto, a los propios historiadores e investigadores que eligen qué contar, qué representar o qué escribir en un relato (2002, p. 30).

Há uma concordância com Michael Pollak (1992), para quem “a memória é um fenômeno construído”, é um produto de um trabalho de organização, no qual há um processo de rememoração, limitação, exclusão ou exaltação, que se pautam nas relações sociais, políticas e pessoais de certo indivíduo, grupo ou instituição, sendo aquele consciente ou não. Pollak ainda se refere a um “enquadramento da memória” (1989), que se trata dessa organização a que está submetida à memória, cuja tentativa é de assegurar e manter uma imagem forjada, se ancorando sempre da credibilidade e coerência dos discursos produzidos. Por assim ser, os apontamentos realizados por Pollak é uma diretriz teórica que nos sugere a memória como um resultado complexo de relações de poder e fundamenta nossa



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

análise das fontes documentais bibliográficas⁷³, onde a produção do conhecimento, sua expressão e reprodução estão atravessadas tanto pelos processos da memória quanto pelas relações sociais e políticas.

Este trabalho justifica a sua existência na indagação pelo silêncio. Pela procura por algo que parte da historiografia insiste em tornar irrelevante, secundário e desnecessário. A rigor, há inteira consonância com Emília Viotti da Costa quando essa inquirir: "Como é possível a esta altura que os historiadores continuem a ignorar o papel da mulher na força de trabalho industrial? (1990, p. 11)". É ainda essa autora que nos serve de norte teórico-metodológico, pelo fato de insistir em seus textos sobre o caráter do ocultamento da participação da mulher no trabalho industrial e na movimentação operária indicando a probabilidade que "esse silêncio seja resultado de um viés não apenas por parte da liderança política como também por parte dos historiadores" (COSTA, 1982, p. 226). Ora, se "nenhuma história das classes trabalhadoras digna de respeito pode ser escrita sem incorporar a mulher" (COSTA, 1990, p. 11), esta história continuará ainda incompleta caso não seja revelado os motivos e processos que produziram seu esquecimento e/ou silenciamento. Mesmo se opormos a distância em que Emilia Viotti diagnostica essa lacuna na historiografia e os progressos realizados desde então, sua atualidade é reafirmada.

O conjunto de interrogações que esta pesquisa carrega direciona-se primordialmente à historiografia do Partido Comunista Brasileiro, especialmente à identificada como "produção militante" (BATALHA, 1990). Esta carrega como características a função legitimadora de indivíduos e grupos, o perfil hagiográfico e

⁷³ Aprioristicamente, por se tratar ainda de uma pesquisa inicial, elegemos como fontes bibliográficas as produções dos militantes Astrojildo Pereira: **Formação do PCB**. Rio de Janeiro: Vitória, 1962; **Construindo o PCB** (1922-1924). Organização e apresentação de Michel Zaidan. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980; Octávio Brandão: **Combates e Batalhas**: memórias volume 1. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978. Dinarco Reis: **A Luta de Classes no Brasil e o PCB**. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1981, volume I e II; Heitor Ferreira de Lima: **Caminhos percorridos**: memórias de militância. Ed. Brasiliense, 1982. Este recorte documental, que pode ser entendido ou reduzido em resposta às demandas do desenvolvimento do projeto, faz parte de um vasto conjunto de publicações dos militantes do Partido. Como critério inicial para a seleção optou-se pela intensidade de participação no PCB e contribuição teórica-intelectual.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

o estilo de narrativa memorialístico (BATALHA, 1990, p. 02-04). Para Georges Haupt, que reflete sobre esta escrita e sua forma de conceber o movimento operário “sua função essencial é ideológica: ela consiste em forjar a coesão, em demonstrar a continuidade, em perpetuar as lendas oficiais que servem de referência e que ocupam o lugar de explicação” (HAUPT, 1985, p. 215). Sendo assim, tais apontamentos reafirmam a necessidade de inclusão de Michael Pollak como referencial teórico, quando este assente que o “enquadramento da memória” responde à necessidade de “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que o grupo tem em comum” (POLLAK, 1989, p. 08).

Portanto, a reconstrução da história e da memória do grupo, partido ou classe não pode ser cindida de sua inserção e interação com as relações de poder no interior destes. Ter a função de guardião e narrador, a competência de lembrar e também esquecer, e a responsabilidade de manter no presente e salvaguardar para o futuro uma memória, são sem dúvida objeto de disputa:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 422).

A adesão inicial aos teóricos Pollak e Le Goff não exclui a possibilidade de incorporar, elaborar uma síntese ou estabelecer diálogos necessários com outros autores que se debruçaram sobre o complexo campo da memória, notadamente Pierre Nora (1981) e Halbwachs (1990). Nessa primeira triagem, onde aqueles autores foram privilegiados, preocupou-se em eleger uma abordagem onde a memória fosse entendida como imersa nas relações de poder.

No desenvolvimento da pesquisa almejamos integrar ao trabalho, os estudos desenvolvidos por Benito Bisso Schmidt, que, no cenário historiográfico nacional, tem se destacado fundamentando grande parte das produções recentes e



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

realizando progressos no que se refere à biografia no campo da história (SCHMIDT, 1997; 1998; 2008). Cabe incluir no rol desta fundamentação, autores que nos darão suporte para compreender o retorno e a legitimidade da biografia à ciência histórica, bem como as ferramentas para a sua realização (DOSSE, 2009; AMADO; FERREIRA, 2006; BORGES, 2006), e teóricos que apontam os usos, perspectivas, configurações e instrumentos utilizados pela história, sobretudo história política (REMOND, 2003; BORGES, 1992).

Os próximos passos da pesquisa incluem a elaboração biografia política acerca da trajetória da militante, com base em revisão bibliográfica, onde contaremos com os poucos trabalhos já mencionados. Pretendemos também realizar um trabalho de análise das fontes, no qual nos valeremos da base documental já discriminada, com o intuito de explorar novas perspectivas, desfazer os equívocos existentes, complementar alguns aspectos, rever e problematizar determinados posicionamentos. E por fim, tecer uma análise crítica direcionada à historiografia produzida por militantes do Partido Comunista Brasileiro.

Ansiamos realizar significativos progressos na historiografia do PCB e do movimento operário à medida que devolvemos o direito a fala e a memória de Laura Brandão, e permitindo ou sugerindo que propostas semelhantes resgatem e integrem o nome e a participação de outros agentes que tiveram rigorosamente sua inscrição negada à História.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. A Nova „Velha História“: o retorno da história política. **Rev. Estudos Históricos**, 1992/10, vol, 5. p. 265-271.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- ALVES, Iracélli da Cruz. O PCB Convida as Mulheres à Luta pela Democracia!. IN: **VI Encontro Estadual De História XXIII Ciclo De Estudos Históricos**. Ilhéus, 2013.
- BATALHA, C. H. de M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158.
- BERNARDES, Maria Elena. **Laura Brandão: A invisibilidade Feminina na política**. Dissertação de mestrado. Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- _____. **Laura Brandão: A invisibilidade Feminina na política**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU, 2007.
- BORGES, V. B. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes históricas**. 2 ed. SP : Contexto, 2006.
- _____. História e Política: laços permanentes. **Rev. Brasileira de História**, SP.,vol, 12, nº. 23-24, 1992. p. 07-18.
- COSTA, Emília Viottida. Estrutura versus experiência. Novas tendências na história do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha. **BIB - Boletim informativo e bibliográfico de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, nº. 29, p. 3-16, 1990.
- _____. A nova face do movimento operário na Primeira República. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Ed. Metodista, v. 2, nº 4, p. 217-232, 1982.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 4ª Ed. Editora Revista dos Tribunais LTDA. São Paulo: 1990.
- HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 208-231, 1985.
- JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Siglo XXI Editores, España, Colección Memorias de la Represión. 2002.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC - SP**. São Paulo, SP: 1981.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
- _____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RAGO, Luzia Margareth. Relações de Gênero e Classe Operária no Brasil: 1890-1930. In Pereira de Melo, Hildete. **Olhares Feministas**. UNESCO, 2006.
- RÉMOND, René. (Org.) **Por uma história política**. RJ: FGV Editora, 2003.
- SCHMIDT, B. B. As biografias na historiografia do movimento operário brasileiro. **Anos 90** (UFRGS), Porto Alegre, v. 8, p. 79-90, 1997.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

_____. Trajetórias e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro. **Cultura e Cidade - Projeto História**, São Paulo, v. 16, p. 233-244, 1998.

_____. **Companheiras! Mulheres e o Movimento Operário Brasileiro (1889-1930)**, 2008. Disponível: <http://www.americanistas.es/biblio/textos/08/08-101.pdf>

SILVA, Maria Amélia Gonçalves da. “Rompendo o Silêncio: A Participação Feminina no Movimento Operário no Rio Grande do Sul”. **Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre, PUC/RS, nº 2, vol. XXII. Dezembro, 1996. p.157-175.